

Madereira certificada não tem lucro

A Mil, que conseguiu o selo verde da Smart Wood, espera resultado positivo no longo prazo

Aldo Renato Soares
de Brasília

Única madeireira detentora do selo verde no País, a Madeireira Itacoatiara Ltda. (Mil) prevê para este ano um faturamento de US\$ 6 milhões, o triplo do registrado no ano passado. A empresa conseguiu cumprir dois dos três requisitos exigidos para o manejo florestal: ecologicamente correto, socialmente justo e economicamente viável, mas ainda não está dando lucro. "O lucro virá a longo prazo", afirma o gerente da Mil, Renato Scop. O projeto de manejo florestal começou há três anos.

Localizada há 40 quilômetros de Itacoatiara (AM), a madeireira recebeu o selo verde da Smart Wood, um braço da Rainforest Alliance, uma das certificadoras credenciadas pelo Conselho Mundial de Florestas (FSC, em inglês) em junho de 1997. A Mil, que pertence ao grupo suíço Precious Wood, possui uma área de

80 mil hectares, mas tem licença para explorar 50 mil hectares.

A área de 50 mil hectares foi dividida em 25 lotes de 2 mil hectares. Com o método adotado de manejo florestal, a madeireira mantém 20% de cada espécie por hectare e não explora mais de 30% de cada área de 2 mil hectares por ano. "A nossa meta é provar ao mundo que se pode extrair madeira sem esgotar os recursos da floresta", afirma Renato Scop. O mercado europeu já aceita pagar mais pela madeira da Mil, graças à certificação com o selo verde. A partir do ano 2000, a União Européia só permitirá a importação de madeira certificada.

Um dos problemas enfrentados pelas madeireiras é que, das 70 espécies de madeira comercializável, apenas 20 têm demanda no mercado externo. São aquelas consideradas mais nobres, como o mogno, jatobá, ipê, angelim, sucupira, cumarú e

louro gamela. "O nosso grande desafio é que as espécies menos conhecidas sejam aceitas pelo mercado e pelos ecologistas", diz ele.

Os principais mercados da Mil são a Alemanha e Holanda, que exigem o selo verde para importar madeira. Por isso, a empresa está sempre pesquisando utilidades para as espécies que normalmente não são aproveitadas. Recentemente, a Mil começou a exportar para a Holanda toras da espécie aquariquara. Conhecida pela sua extrema rigidez, é usada para postes de eletrificação na região Norte.

A empresa mandou algumas toras para a Holanda para serem testadas na contenção de áreas litorâneas. A experiência foi um sucesso e, depois de conseguir autorização especial do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), iniciaram as exportações. O Ibama proíbe a exportação de toras.

Segundo Scop, o investimento que está sendo feito na madeireira só trará retorno depois de 10 anos. A Mil criou uma casa pré-moldada com 32 metros quadrados a um preço de R\$ 7 mil. O problema é que a Caixa Econômica Federal não financia casas de madeira — apesar de este tipo de construção ser o mais comum entre as populações de baixa renda da região Norte.

Ele reconhece que as máquinas e equipamentos usados nas madeireiras são obsoletos e não atendem às novas exigências do mercado. "A modernização é difícil, porque no Brasil não existem linhas de crédito com mais de 10 anos", diz. É por isso que o setor madeireiro do Norte passou para o controle dos estrangeiros. Itacoatiara é o maior pólo madeireiro do Amazonas e suas principais madeireiras são dos grupos Gethal (alemão), Carolina (americano) e Braspor (português).

A empresa possui uma área de 80 mil hectares, mas tem licença para explorar apenas 50 mil

O setor está nas mãos do capital estrangeiro devido às dificuldades de financiamento para modernização das companhias nacionais

29/6/98

A-6